

**ENTRE CARTAS, ESPAÇOS E JANELAS: OS  
DESLOCAMENTOS DA ESCRITA DE VIAGEM**

Elaine Amélia Martins (UFMG / CEFET-MG)

**Resumo:**

A década de 1960 marca o início de experimentações poéticas de Murilo Mendes (1901-1975) no universo da prosa. A escolha do poeta brasileiro, radicado na Itália a partir dos anos 1950 como professor de cultura e literatura brasileira a serviço do Itamaraty, pela narrativa – num momento em que a faculdade de intercambiar experiências estaria em vias de extinção, conforme Walter Benjamin – suscita reflexões acerca do gesto político da escrita tardia em prosa de um poeta desterritorializado que escolheu a Europa como lugar para morrer. Motivadas por viagens e mediadas por leituras, memórias, lugares afetivos, experiências, convivência com artistas, músicos, poetas e homens de letras, as escritas de *Carta Geográfica* (1965-1967), *Espaço Espanhol* (1966-1969) e *Janelas Verdes* (1970), editadas e publicadas em livros postumamente, remetem a deslocamentos, a pátrias eletivas, ao gesto de colecionar e ao rompimento da noção de gênero. Busca-se, pois, uma leitura desses livros para se pensar também no transbordamento do diário de viagem, na situação de trânsito do intelectual latino-americano, no lugar ocupado pelo escritor na República das Letras e no traço de contemporaneidade de sua literatura.

**Palavras-chave:** Murilo Mendes. escrita de viagem. políticas da escrita. república das letras.

## ENTRE CARTAS, ESPAÇOS E JANELAS: OS DESLOCAMENTOS DA ESCRITA DE VIAGEM

Elaine Amélia Martins (UFMG / CEFET-MG)

Não sou meu sobrevivente, e sim meu contemporâneo. Com essa afirmativa, o poeta brasileiro Murilo Mendes, já radicado na Itália, arremata o texto de abertura de sua obra reunida em *Poesias* (1930-1955), editada em 1959 no Brasil. Intitulado “Advertência”, o texto exprime uma avaliação e revisão do poeta sobre a sua própria obra, de acordo com a sua “atual concepção de arte literária”, numa espécie de balanço da sua produção poética marcada por deslocamentos.

Murilo Mendes pertence à linhagem de poetas que pensaram a poesia e a história no decorrer da modernidade, repensando crítica e literariamente a arte e a literatura de seu tempo, conjugando-as com a cultura universal, e rompendo os limites geográficos e culturais de seu território. Os seus deslocamentos poético-biográficos em direção ao Velho Mundo evidenciam uma ruptura na relação entre o escritor da periferia e a metrópole, partindo da cópia para o modelo, mas também para a hesitação de um “entre-lugar” (SANTIAGO, 1978). Já consagrado como poeta no Brasil<sup>1</sup>, Murilo Mendes inicia as suas viagens à Europa nos primeiros anos da década de 1950 (1953), no exercício de funções culturais pela Embaixada do Brasil, numa sequência que culminou com a sua mudança definitiva para Itália (1957), onde produziu literatura, recebeu o Prêmio Internacional Etna-Taormina (1972) e trabalhou até a morte (1975) como professor de Literatura e Cultura Brasileira e crítico de arte.

Sobre a situação do escritor latino-americano na era contemporânea, discorreu Ricardo Piglia ao imaginar a sexta proposta para o próximo milênio não elaborada por Italo Calvino e que deveria compor – junto de leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade – as *Seis propostas para o próximo milênio* (CALVINO, 1991). Piglia constrói a sua proposição não a partir de um país central com uma grande tradição cultural, mas pensa o problema do futuro da literatura a partir da margem, a partir da borda das tradições centrais, e a associa à ideia de *desplazamiento* – “distância”, “deslocamento”, “troca de lugar” (PIGLIA, 1991). Nesse âmbito, compreender o sentido do “deslocamento” do escritor latino-americano em direção ou não à tradição europeia faz da trajetória poético-biográfica de Murilo Mendes (Juiz de Fora 1901-Lisboa 1975) marcador e ponto de partida da reflexão que se pretende.

Ao mesmo tempo em que continuam o trabalho crítico e poético de seus precursores estrangeiros, observa Maria Esther Maciel, os poetas-críticos latino-americanos o reavaliam

---

<sup>1</sup> Murilo Mendes estreia com livro *Poesias* (1930) – laureado com o Prêmio Graça Aranha – e, na sequência, publica *Bumba meu poeta* (1931), *História do Brasil* (1932), *Tempo e eternidade* (co-autoria de Jorge de Lima - 1935), *Sinal de deus* (1936), *A poesia em pânico* (1937), *O visionário* (1941), *As metamorfoses* (1944), *Poesia liberdade* (1947), *Janela do caos* (Paris - 1949), *Contemplação de Ouro Preto* (1954) e *Office humain* (Paris - 1954).

dentro de um outro contexto e de uma nova postura frente à história e à tradição. Eles sustentam uma postura dialógica frente ao embate da cultura latino-americana como o legado europeu, sem sucumbirem à estreiteza da xenofobia ou à humilhação do simulacro. Assim, “se as literaturas periféricas se nutriram da literatura europeia, esta também passou a ser alterada por aquelas, o que desencadeou um processo múltiplo de transculturações na era contemporânea”. (MACIEL, 1999). Pode-se dizer que a produção do período europeu de Murilo Mendes sustentou uma espécie de posição dialógica. Isso pode ser lido, de certa forma, nos resultados do recente estudo de Maria Betânia Amoroso sobre a figura de Murilo Mendes e a leitura de sua produção pelo meio intelectual e artístico italiano, focalizando a criação e construção da imagem de um poeta internacionalizado sob o mito resumido na expressão empregada pelos próprios italianos: “poeta brasileiro de Roma” (AMOROSO, 2013).

A propósito disso, Silviano Santiago, para quem Murilo Mendes é o “nosso maior poeta modernista eurocêntrico”, já afirmara que os intelectuais do Novo Mundo sempre tiveram a coragem de enxergar o que existe de europeu neles: “Henry James e T. S. Eliot (e mesmo o nosso Murilo Mendes) resolveram assumir na totalidade a parte de europeu que lhes tocava e se mandaram para a Europa. Não deve haver espíritos mais universalistas e menos ‘provincianos’ do que estes três” (SANTIAGO, 1983, p. 203). Ao ler a poesia muriliana do final da década de 1950, mais precisamente o livro *Siciliana*, Ettore Finazzi-Agrò considera a relação de Murilo com a Itália marcada por uma irreparável heterotopia, por uma situação de reconhecimento na diferença e de espelhamento numa identidade radical da qual ele e a cultura da qual ele é portador e representante não pode prescindir. (FINAZZI-AGRÒ, 2012, p. 11).

Tem-se como hipótese que o *topos* da viagem (Murilo Mendes realiza tardiamente a sua primeira viagem à Europa em 1952) é o disparador para a mudança do registro de escrita e, sobretudo, para a construção de um projeto estético e político maior do escritor colocado em prática na sua última produção, a do período europeu. Em carta à irmã Virgínia, datada de 1953, o poeta escreve: “Até agora não tive vontade de escrever sobre o que vi, pois as emoções não deixam. Mais tarde com a ajuda de algumas notas tomadas, e do pouco de memória que me resta, pretendo escrever artigos se bem que ache quase impossível escrever algo sobre que existem toneladas de literatura”.<sup>2</sup> As primeiras viagens transatlânticas e os encontros propiciados por elas motivaram a escritas de viagem murilianas, cartografadas inicialmente nos versos de *Contemplação de Ouro Preto* (1954), *Siciliana* (1959) e *Tempo espanhol* (1959) e, posteriormente, na prosa de *Carta geográfica* (1965-1957), *Espaço espanhol* (1966-4969) e *Janelas verdes* (1970), como se verá.

Entre 1954 e 1955, Murilo Mendes viaja para a ilha italiana Sicília e, nesse período, escreve 13 poemas que são reunidos no livro *Siciliana* (edição bilíngue – Roma: Salvatore

---

<sup>2</sup> 65 CARTA de Murilo Mendes para Sr.<sup>a</sup> Virgínia E. Mendes Torres, Lisboa, 15 de março de 1953. Manuscrita. MAM Murilo Mendes, pasta de cartas, MAMM/UFJF.

Sasciata Editore, 1959). Essa é a primeira experiência do poeta com o espaço geográfico estrangeiro, com a paisagem europeia que, nas palavras de Júlio Castañon Guimarães, seria “uma primeira incursão por uma literatura de viagem, que [...] tem características muito especiais, pois nesse setor ele [Murilo] nunca se desviou para o relato ou a crônica. Na verdade os espaços geográficos a partir dos quais escreveu eram, não espaços naturais, mas espaços onde se erguem elementos culturais. Com isto, a literatura de viagem também vem a ser dominada pela temática cultural” (GUIMARÃES, 2001, p. 11-12).

Em ensaio sobre o mesmo livro, Davi Arrigucci Júnior adverte sobre o engano de se pensar a poesia nascida dessa busca do “outro” como mera “poesia viagem”. Para o crítico, ela tem pouco de circunstancial e se prende à sensibilidade e à necessidade de expressão, que se eleva à construção da forma e se relaciona com a mente do poeta, com o seu desejo de conhecimento e com aquela “identificação com o outro, que é precisamente o princípio de que nascem suas imagens, reveladoras do outro e de si mesmo”. Identificação que, segundo Arrigucci Júnior, acontece com lugares eletivos para Murilo Mendes, como Minas, Sicília, Espanha (ARRIGUCCI JÚNIOR, 200, p. 115). Esses locais consagrados pelo desejo, entretanto, só são atingidos pelo deslocamento físico do escritor, por suas viagens que motivaram a escrita.

A Espanha fora registrada nos versos de *Tempo espanhol* (Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1959), que, seguindo o mesmo tom de *Siciliana*, parece se demorar nas cidades, na sua arquitetura e paisagem, na religião, nos artistas e escritores espanhóis. A publicação do livro durante a ditadura franquista ocasionou a proibição do trânsito de Murilo Mendes na Espanha. Mas isso não impediu as visitas clandestinas: “o exilado suporta com paciência essa interminável prova. [...] Minha aversão ao regime franquista é menor do que o meu amor à Espanha, por isso visito-a sempre que posso” (MENDES, 1995, p. 1223).

A origem dessa espécie de “poesia de viagem” foi sinalizada ainda por Ruggero Jacobbi como viagem ao mundo antigo, às matizes emotivas da cultura e da história, iniciada em Ouro Preto”. (JACOBBI *apud* ARAÚJO, 2000, p. 111). De fato, a poesia de *Contemplação de Ouro Preto* (Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1954), livro escrito logo após a primeira viagem do escritor ao velho mundo, denota a busca da cidade colonial mineira e sua contemplação no sentido do olhar fotográfico e plástico sobre o barroco, sobre um lugar geográfica e culturalmente determinado, sem excluir a história e a religiosidade.

A década de 1960 marcaria, porém, o início de experimentações poéticas do poeta brasileiro de Roma em sintonia com o seu tempo. Em carta datada de 1966 a Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes refere-se às duas obras, que viriam a juntar-se numa só, como “tentativas de reformulação da minha linguagem poética”<sup>3</sup>. Em entrevista ao jornal italiano *Momento Sera*, no mesmo ano, Murilo Mendes anuncia: “Resolvi, apesar da idade, subverter

---

<sup>3</sup> MENDES. Carta, 10.2.1966. Fundo Carlos Drummond de Andrade/FCRB.

minha linguagem poética e estou escrevendo quatro livros ao mesmo tempo, dois em prosa e dois em poesia. Os de poesia são Contato e Exercícios [*Convergência* (1970)]; os de prosa, Poliedro e Figuras [*Retratos-relâmpago* (1972)]. No último aparecem poetas, artistas em geral, filósofos, em suma, as figuras da minha vida” (MENDES *apud* AMOROSO, 2013b, p. 11). Em cartas a Laís Correia de Araújo<sup>4</sup>, o poeta informa ainda o término de “Janelas Verdes”, quase todo em prosa, e o retoque dos inéditos: “Figuras”, “Carta Geográfica”, “Espaço espanhol” (MENDES *apud* ARAÚJO, 2000, p. 196).

Os livros *Carta geográfica* (1965-1967) e *Espaço espanhol* (1966-1969) e *Janelas verdes* (1970) permaneceram inéditos até a publicação de alguns de seus textos na antologia póstuma *Transístor* (1980), e vieram integralmente a lume com a edição da *Poesia completa e prosa* (1994). São livros, espécies de mapas em que o escritor-cartógrafo vai literariamente demarcando cidades, paisagens, monumentos, lugares e encontros com poetas, escritores e artistas a partir das coordenadas que guiam suas leituras e uma possível correspondência com sua poesia anterior.

Em *Carta geográfica* (1965-1967), “misto de informação, poesia em prosa, jornalismo” (MENDES, 1995, p. 1694), o escritor registra literariamente alguns dos lugares visitados em suas andanças pelo mundo, após ter “se mandado para a Europa. O livro é subdividido em nove partes intituladas com nomes de nove localidades, sendo as oito primeiras centradas na Europa – “Grécia e Atenas”, “A Suíça”, “Salzburgo”, “Waterloo”, “A Holanda”, “Passeio em Pisa”, “Os dias em Londres” e “Fragmentos em Paris” – e a última, única americana, em Nova Iorque – “New York” –, e desvela a percepção de um crítico poliédrico.

*Espaço espanhol* (1966-1969) é um livro dedicado à Espanha e pode ser lido como um natural complemento de *Tempo espanhol*: os mesmos lugares e temas são revisitados. Valendo-se das considerações de Luciana Stegagno Picchio: “*Espaço espanhol* é uma homenagem às pedras da Espanha, objetos e cores, e é uma homenagem visual, assim como *Tempo espanhol* era uma homenagem auditiva aos sons da Espanha, às palavras dos seus poetas, temas de Calderón, temas de Góngora. Um diacrônico (*Tempo espanhol*), outro sincrônico (*Espaço espanhol*)” (PICCHIO *apud* MENDES, 1995, p. 1694).

Em *Janelas verdes*, escrito em 1970, Murilo Mendes revisita Portugal, “uma segunda pátria, terra da ancestralidade e do amor,” (PICCHIO *apud* MENDES, 1995, p. 30) e registra o reencontro pela escrita com a geografia, a história, as paisagens, a literatura, as artes e os portugueses. O livro se divide em setores: Setor 1 (A, B, C e D), dedicado a cidades e lugares, e Setor 2 (A e B), dedicado a retratos de grandes portugueses. Em notas deixadas, o escritor adverte que, embora o título da obra seja homônimo ao do Museu de Arte Antiga, ele não se refere ao museu lisboeta das Janelas Verdes, mas “a espaços abertos, à liberdade, ao campo e mar de Portugal, ao verde que ali nos envolve sempre” (PICCHIO *apud* MENDES, 1995, p. 1704).

---

<sup>4</sup> Uma das interlocutoras do poeta neste período, além da italiana Luciana Stegagno Picchio, terá sido a mineira Laís Correia de Araújo a partir do seu projeto de escrever um ensaio sobre a produção muriliana.

Regulados pela voltagem experimental de *Convergência*<sup>5</sup>, os “livros de viagem” murilianos (carregados de metalinguagem, referências e citações) rompem com a noção de gênero (CAMPOS, 1977), mesclando poesia, memórias, informações, experiências, relatos de viagem, crítica de arte, música, lugares, leituras, escolha de precursores, aproximando-se do ensaio entendido aqui no seu sentido de experimentação, como lembra Theodor Adorno: “Escreve ensaisticamente aquele que compõe experimentando; quem, portanto, vira e revira o seu objeto, quem o questiona, apalpa, prova, reflete.” (ADORNO, 2012, p. 18). Esse caráter experimental da prosa-poética muriliana transborda a noção tradicional de diário de viagem.

A viagem (física ou literária) traduz o lugar encontrado pelo poeta para rememorar e refletir. Tentar recuperar a experiência, agora mediada pelas leituras, pela literatura, pelas memórias da infância, pela convivência com artistas, poetas e escritores, precursores, remete, pois, à arte de colecionar (BENJAMIN, 1995). O motivo mais recôndito do colecionador, segundo Walter Benjamin, seria a luta contra a dispersão: “O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo.” (BENJAMIN, 2009, p. 245). A coleção muriliana parece inscrever, pois, um circuito afetivo de pessoas, de cidades, monumentos, poetas, escritores, pintores, pintores, pensadores, músicos, enfim, de um circuito crítico<sup>6</sup>, de lugares e de homens de letras e de artes, no sentido de construção de uma comunidade virtual. Nesse sentido, a escrita de viagem muriliana ainda é marcada por deslocamentos e movimentos também em direção à República das Letras.

A escolha do poeta brasileiro de Roma pela escrita em prosa, pela narrativa – num momento faculdade de intercambiar experiências está em vias de extinção porque a sabedoria também o está, conforme Walter Benjamin (1985) – suscita reflexões acerca do gesto político da escrita tardia em prosa de um poeta desterritorializado que escolheu a Europa como lugar para morrer.

Esses livros podem ser lidos lida como uma mostra da última produção do poeta figurando o que Edward Said considera “produção tardia”.<sup>7</sup> A esse sentido das produções tardias (de melancolia e de catástrofe), pode-se acrescentar o lugar da experiência da morte e do luto que acompanha o estrangeiro. As pessoas deslocadas, exiladas, os desenraizados, segundo Jacques Derrida (2003) em suas considerações acerca *Da hospitalidade*, têm em comum dois suspiros, duas nostalgias: seus mortos e sua língua. Isso sugere a reflexão acerca do projeto de escrita

---

<sup>5</sup> Referindo-se a *Convergência*, Murilo assumiu que o livro era certamente um dos seus maiores, “resumindo a experiência de três gerações, inclusive concretos e praxis”. (MENDES *apud* ARAÚJO. Murilo Mendes, 2000, p. 202).

<sup>6</sup> Segundo Ezra Pound, um dos personagens do circuito muriliano, “Um crítico vale mais por suas escolhas que por seus argumentos” (POUND, 1974).

<sup>77</sup> “Há anos venho estudando o fenômeno do estilo tardio, pois tem a ver com o modo como os escritores enfrentam a mortalidade em suas últimas obras e como surge o conseqüente estilo tardio [...]. De acordo com Theodor Adorno, que é uma espécie de sumo sacerdote da melancolia e do estilo tardio – ele se refere às obras-primas do terceiro período de Bethoven – as produções tardias são catástrofes.” (SAID, 2001, p. 287).

muriliano e o desejo da publicação de seus livros em língua portuguesa. Nesse contexto, vale mencionar a preocupação de Edward Said (2001), compartilhada por Ettore Finazzi-Agrò (2012), com a exclusão programática de qualquer elemento pessoal ou biográfico na leitura das obras literárias em casos – como o de Murilo Mendes – em que a vivência e a convivência com culturas, com sociedades, mas também, ou sobretudo, com espaços e tempos impróprios acaba por produzir uma língua e uma linguagem literária peculiares.

Esses movimentos de busca e de identificação de uma comunidade levam às considerações de Néstor García Canclini sobre a localização do latino-americano: “O lugar a partir do qual os latino-americanos escrevem, pintam ou compõem músicas já não é a cidade na qual passaram sua infância, nem tampouco é essa na qual vivem há alguns anos, mas um lugar híbrido, no qual se cruzam os lugares realmente vividos.” E esse lugar híbrido pode ser relacionado com aquele entre-lugar ocupado por Murilo Mendes, deslocado, em busca de uma tradição perdida em meio à modernidade, pois, ainda consoante Canclini, as buscas mais radicais sobre o que significa estar entrando e saindo da modernidade são as dos que assumem as tensões entre desterritorialização e reterritorialização. “Com isso refiro-me a dois processos: a perda da relação 'natural' da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas relocalizações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas” (CANCLINI, 1997, p. 43).

Ciente da sua contemporaneidade, Murilo Mendes transita entre a tradição e a modernidade. Acolhe no horizonte breve e portátil dos textos o vigor mítico dos textos e “a televisão da palavra” em sintonia com o presente da escrita. “Mas todas as verdadeiras criações do espírito, mesmo as aparentemente impessoais, mesmo uma equação de Einstein, não se resolvem afinal em autobiografia?” (MENDES, 1995, p. 1274), questiona o poeta-prosador. Sendo os textos murilianos uma criação do espírito, eles permitem reflexões e articulações entre os discursos autobiográficos e a construção de pontes teóricas entre o real e a ficção, a ficção e a teoria, conforme se atesta nos princípios básicos da crítica biográfica (SOUZA, 2002). Ao escrever sobre lugares, sobre música, sobre o outro, sobre obras de arte e literatura, o poeta-prosador está deixando as suas marcas e escrevendo sobre si.

Os livros *Carta geográfica*, *Espaço espanhol* e *Janelas verdes* sinalizam a condição de seu autor como escritor em movimento. A trajetória poético-biográfica de Murilo Mendes converge para um cosmopolitismo cultural e para a situação de trânsito do intelectual latino-americano. Apesar de Murilo Mendes ser escritor “deslocado”, ele não se posicionou como marginal, não margeia a tradição central, mas, muito pelo contrário, opera um deslocamento rumo ao centro, à tradição europeia e galga seu espaço nesse lugar simbólico (República das Letras) abarcado por toda a tradição ocidental.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: \_\_\_\_\_. *Notas de Literatura I*. 2 ed. Trad. M. B. de Almeida. São Paulo: Editora Duas Cidades; Editora 34, 2012. p. 15-45.
- AMOROSO, Maria Betânia Amoroso. *Murilo Mendes: o poeta brasileiro de Roma*. São Paulo: Editora UNESP; Juiz de Fora: MAMM, 2013a.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Signos, 29)
- AMOROSO, Maria Betânia Amoroso. *Murilo Mendes: o poeta brasileiro de Roma*. São Paulo: Editora UNESP; Juiz de Fora: MAMM, 2013b.
- ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. *O cacto e as ruínas*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: \_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Obras escolhidas v. 2. Trad. Rubens Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 1995. p. 227-225.
- BENJAMIN, Walter. O colecionador. In: \_\_\_\_\_. *Passagens*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Irene Aron. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 237-246.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia, técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CAMPOS, Haroldo de. *Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.
- CANCLINI. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Ana Regina Lessa; Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1997.
- DERRIDA, Jacques. [Da hospitalidade] *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. Tradução: Antônio Romane. Revisão técnica: Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. A pátria dos outros: a poesia menor de Murilo Mendes. *Remate de Males*, Campinas, n. 32, v. 1, p. 9-18, jan / jun 2012.
- GUIMARÃES, Júlio Castañon. Prefácio. In: MENDES, Murilo. *Tempo espanhol*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 9-19.
- MACIEL, Maria Esther. Poéticas da lucidez: notas sobre os poetas críticos da modernidade. In: \_\_\_\_\_. *Vôo transversal: poesia, modernidade e fim do século XX*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999. p. 19-41.
- MENDES, Murilo. *Convergência*. Edição: Júlio Castañon Guimarães; Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naify, 2014. (Coleção Murilo Mendes)
- MENDES, Murilo. *Janelas verdes*. Lisboa: Quasi Editora, 2003. (Biblioteca Arranjos para Assobio, 6)



MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas: Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1995.

MENDES, Murilo. *Poesias (1930-1955)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

MENDES, Murilo. *Transistor: antologia de prosa*. Seleção do autor e de Maria da Saudade Cortesão Mendes. Introdução de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1980.

PIGLIA, Ricardo. Memoria y Tradición. *Anais: 2.º Congresso ABRALIC*, v. 1. Belo Horizonte: UFMG, 1991. p. 60-66.

PIGLIA, Ricardo. Una propuesta para el nuevo milenio. *Margens/Márgenes: cadernos de cultura*, Belo Horizonte, Mar del Plata, Buenos Aires, n. 2, p. 1-3, out. 2001.

SAID, Edward. Sobre causas perdidas. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Soares Maria. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 274-300.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino americano. In: \_\_\_\_\_. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-28.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? In: \_\_\_\_\_. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 189-205.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre crítica biográfica. In: \_\_\_\_\_. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. p. 111-120.